

AS PISTAS GRÁFICAS NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS: DEFININDO VARIANTES GRÁFICAS

Elaine Chaves (UFMG)
elainechav@hotmail.com

1 Introdução

A nossa proposta de definir e descrever variantes gráficas se respalda em Chaves (2006), dissertação na qual tivemos como objetivo mostrar que o uso das abreviaturas dos tratamentos *Vossa Mercê* e *Você* não é assistemático e espelha as etapas do processo de gramaticalização sofrido por tais formas. Para tanto buscamos um fenômeno que pudesse ser investigado apenas em sua modalidade escrita: as abreviaturas. Neste artigo, fizemos um recorte dentro do trabalho acima referido e nos dedicamos preponderantemente à discussão sobre o que são variantes gráficas, como descrevê-las e como podem ser tratadas dentro dos estudos sociolinguísticos.

A escolha das abreviaturas, dentre as várias possíveis variações gráficas no português brasileiro (PB), não se deu de forma aleatória. A motivação para a seleção desse objeto veio da percepção de um grande número de abreviaturas e sua alta frequência em diferentes gêneros textuais. Além disso, outros fatores nos pareceram relevantes: (i) a recorrente menção, na literatura, de que as abreviaturas são feitas de forma assistemática: "Abreviaturas. No existen reglas para su utilización y, por lo general, el uso popular impone las formas de abreviar una palabra. (...)" (www.belcart.com). E, por outro lado, a existência de regras que condicionam o uso dessas abreviaturas. (ii) A observação, em dicionários de abreviaturas (FLEXOR, 1985), de que havia um número muito grande de formas de se abreviar esses pronomes coexistindo em um mesmo período. (iii) A regra de uso das iniciais maiúsculas nas abreviaturas de tratamentos e o real uso dessas abreviaturas com iniciais minúsculas. (iv) As evidências em Gonzalez (2002) de que esse grande número de formas de abreviar uma palavra vem da sua evolução histórica. (v) Obstáculos à realização de datação dos estágios do processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* em *Você*, apontados por Fontanella de Weinberg (1987), ao afirmar que formas abreviadas impediriam a documenta-

ção das diferentes etapas deste processo por não ser possível identificar a que forma plena as abreviaturas pertencem.

Assim, colocamo-nos o desafio de rejeitar o caráter caótico desse tipo de ocorrência, e desvendar alguma sistematicidade no seu uso. Por isso escolhemos o século XIX e a primeira metade do século XX para observar um fenômeno que se implementou justamente neste período, a saber, a pronominalização de *Você*.

Não nos dedicaremos aqui ao estudo do processo de gramaticalização propriamente dito, argumentaremos que as abreviaturas constituem um recurso relevante na datação, ao contrário do que afirma Fontanella de Weinberg. Pretendemos mostrar que as próprias abreviaturas evoluem no eixo do tempo e isso decorreria do fato de as abreviaturas não serem indiferentes às transformações que afetam o item. Em outras palavras, pretendemos documentar o processo de evolução de duas abreviaturas pertencentes ao Português Brasileiro, num espaço de tempo claramente delimitado. Acompanharemos as transformações que afetaram as abreviaturas dos itens *Vossa Mercê* e *Você*, no período de 1800 a 1950.

2 As variantes gráficas e a sociolinguística: Flutuação ou variação?

Na sociolinguística, só podemos considerar duas ou mais formas que concorrem e coocorrem em um mesmo sistema como equivalentes se essas formas, quando usadas em um mesmo contexto, possuírem o mesmo valor de verdade. No caso das variantes gráficas, duas questões tornam-se importantes: devemos considerar o vasto número de forma que coocorrem como variantes? Não estaremos tratando apenas de flutuação de formas?

Para respondermos a estas questões primeiramente discorreremos sobre a sociolinguística quantitativa e observaremos a questão da flutuação de formas. Como tratamos de um objeto novo para os estudos sociolinguísticos, não nos valeremos apenas deste quadro teórico-metodológico. Precisaremos também de nos apoiar em estudos filológicos e da linguística histórica e social para atingirmos os resultados esperados, sobretudo para tratarmos a questão da flutuação.

2.1 A Sociolinguística e as abreviaturas

Como todo quadro metodológico, a sociolinguística quantitativa possui elementos que garantem a cientificidade do método. O primeiro elemento seria a escolha de uma amostra simétrica que fosse representativa do fenômeno pesquisado. De forma geral, os estudos que utilizam textos escritos como amostra, têm como objetivo descrever a fala de uma comunidade a partir de textos escritos por ela. Para que esse tipo de análise seja possível, buscam textos escritos que se aproximem da língua falada. Mesmo que estejamos nos dedicamos a um objeto exclusivo da escrita optamos por corpora formados por textos capazes de se aproximar da língua vernacular. A escolha do tipo e gênero textuais teve grande importância por retrarmos, a partir de formas típicas da escrita, um fenômeno que primeiramente se manifestou na fala, a saber, a gramaticalização do pronome *Você*. Escolhemos as cartas pessoais.

Definida a amostra iniciamos o processo de verificação da sistematicidade de uso das variantes nos textos selecionados. Para tanto fizemos um levantamento das formas dicionarizadas e das formas encontradas em nossa amostra. Esta medida nos pareceu importante para definirmos quais formas eram, dentro da norma, entendidas como equivalentes; e quais eram realmente utilizadas. Compusemos dois quadros: um primeiro formado pelas abreviaturas encontradas em Flexor (1985), separadas por século, e um segundo formado pelas abreviaturas encontradas nos nossos corpora, separados em períodos de cinquenta anos. Este segundo quadro funcionou como um detalhamento do século XIX do quadro I, complementando-o com dados do século XX.

	XVI	XVII	XVIII	XIX
Vs ms				
VM				
Vm				
vm				
Vms				
V ^m				
Vomce				
Vm ^{se}				
VM ^s				
Vm ^s				
VMs				

Vms				
Vmc				
Vm ^{ces}				
Vm ^{es}				
v ^{ce}				
V ^{mes}				
VM				
Vm''				
Vm ^e				
Vmc ^{ce}				
Vmc ^{ce}				
vmce				
Vmc ^{es}				
Vmcc ^e				
VMce				
V Mcê				
Vmcs				
Vmc ^{ce}				
Vmes				
Vossas				
Vc ^{es}				
Vm ^{es}				
VVM ^{es}				
VVMM				
V ^a m ^{ce}				
V M				
Vm''				
Vm ^{cez}				
VMc ^e				

Quadro 1: As várias formas de abreviaturas encontradas em Flexor (1985), conforme o tempo

	1ª metade do XIX	2ª metade do XIX	1ª metade do XX
VM ^{ce}			
Vmc ^e			
v ^{ce}			
vm ^{ces}			
Vm ^e			
Vm''			
VM			
Vm			
vm ^{ce}			
vm			
VM ^{ces}			

Vm ^{ce}			
Vm ^{ces}			
Vac ^e			
voces			
vocês			
você			
voce			
Voce			
VC.			
VC ^{es}			
V. ^{ce}			
Voces			
voses			
vose			
voçê			
voçe			
ocê			
v. ^{ce}			

Quadro 2:

As várias formas de abreviaturas encontradas nos corpora, conforme o tempo.

Observando ambos os quadros, pudemos notar que, embora haja um número enorme de formas diferentes de se abreviar os tratamentos *Vossa Mercê* e *Você*, o uso de tais formas possui certa sistematicidade com relação ao tempo. Ao avaliarmos as abreviaturas retiradas de Flexor (1985), percebemos que as iniciais maiúsculas perfazem todos os séculos, havendo apenas duas ocorrências de *Vossa Mercê* com iniciais minúsculas. Ao observarmos os dados dos corpora aqui analisados, percebemos que o número de formas escritas com as iniciais maiúsculas persiste, mas há a inserção das iniciais minúsculas.

A leitura de gramáticas normativas nos mostra que havia uma forma padrão de abreviatura juntamente com formas não padrão. O uso padrão para tratamentos nominais é o de abreviaturas com iniciais maiúsculas. No quadro 2 percebemos que tal recomendação não era plenamente atendida, os tratamentos eram abreviados usando-se iniciais minúsculas e iniciais maiúsculas, como nos exemplos a seguir:

- (01) eu não quero usar dele Vm bem me entenda (XIX)
- (02) enconçiença que Vm^{ce} hade ter susego (XIX)
- (03) passo a rogar a vm^{ce} para que sabendo (XIX)

(04) Queira vm^{ce} deixar passar o dito Pedrosa (XIX)

(05) é um jornalzinho pandego, so voçe lendo (XX)

(06) fiquei satisfeito de VC combinar com S Leite (XX)

Lançamos a hipótese de que o uso dos tratamentos é regido por dois perfis diversos. O primeiro deles diz respeito ao seu uso de acordo com os diversos tipos de hierarquia que compõem os diversos estratos da sociedade. O segundo diz respeito a forma gráfica que apresenta, ou seja, a relação entre abreviatura e função gramatical. A partir desses dois perfis é que poderemos decidir entre flutuação e variação de formas, descrever a evolução das abreviaturas e definir variantes gráficas.

2.1.1 *Abreviaturas e tratamentos: perfil social e perfil gramatical*

Na história das leis que regem o uso dos tratamentos temos um perfil bastante hierárquico do emprego de tais formas. As formas de tratamento sofreram, ao longo de todo o seu percurso, mudanças intrinsecamente ligadas às mudanças sociais e culturais (MORENO, 2002 e RIGATUSO, 1994). Com a mudança do feudalismo para o regime burguês, as mudanças nas relações políticas, sociais e culturais foram acarretando mudanças nos tratamentos que passaram a necessitar de regulamentações para o seu uso.

Foram feitos decretos que, incorporados ao código de leis vigente em Portugal, delimitavam o uso dos títulos e dos tratamentos em Portugal e, posteriormente, no Brasil, as Ordenações Filipinas. Tais Ordenações tiveram vigência até 1818. De acordo com Luft (1983) e Said Ali (1966), uma modificação na lei 5.765 de 1812-1971 aponta como regra do sistema ortográfico que se escreva com letras maiúsculas os nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento e reverência, palavras e fórmulas respeitosas que se queiram realçar na correspondência: *Sr*, *Sr^a*, *DD*. ou *Dig.^{mo}*, *MM*. ou *M.^{mo}*, *Rev.^{mo}*, *V. Rev.^a*, *V. S.^a*, *V. Ex.^a*, *V. Ex.^a Rev.^{ma}* etc., meu caro Amigo, meu prezado Mestre, meu querido Pai, minha amorável Mãe etc.

Ao consultarmos gramáticas normativas contemporâneas encontramos a recomendação para um conjunto de formas de tratamen-

to, tendo como parâmetro o destinatário. Tal como nas Ordenações Filipinas, há uma hierarquia e uma lista de formas de tratamento, como pode ser visto no quadro 3 a seguir.

Forma de Tratamento	Abreviatura	Cargos
Vossa Alteza	V. A., VV. AA.	Príncipes, arquedues, duques.
Vossa Eminência	V. Em. ^a	Cardeais.
Vossa Excelência	V. Ex. ^a	Oficiais de patente superior a de coronel, deputados, senadores embaixadores, professores de curso superior, ministros de Estado e de Tribunais, governadores, secretários de Estado, presidente da República.
Vossa Magnificência	V. Mag. ^a	Reitores das Universidades
Vossa Majestade	V. M., VV. MM.	Reis, imperadores.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. ^a Rev. ^{ma}	Bispos e arcebispos.
Vossa Paternidade	V. P., VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Reverendíssima	V. Rev. ^{ma}	Sacerdotes em geral.
Vossa Santidade	V. S.	Papas.
Vossa Senhoria	V. S. ^a	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia, comerciantes em geral, chefes de seção, funcionários de igual categoria à de quem escreve.
Você	v (vv)	Pessoas que gozam de nossa intimidade.
Senhor (a)	Sr., Sr. ^a , Srs., Sr. ^{as}	Pessoas que nos merecem respeito ou pessoas de quem exigimos respeito.

Quadro 3: Quadro representativo da exposição dos pronomes de tratamento nas gramáticas normativas¹

Pudemos observar, neste quadro, que apenas a forma *Você* aparece com abreviatura em minúscula. Mas em Sacconi (2001) o autor recomenda a forma por extenso com maiúscula. As gramáticas dos séculos XIX e XX trazem normas muito semelhantes². Em vista disso vamos tratá-las em conjunto.

¹ Este quadro foi composto de acordo com as referências encontradas nos gramáticos: Cunha (1986); Cegalla (1991); Sacconi (2001).

² Ver Pardal (1887), Albuquerque (1874), Oliveira (1880), Pereira (1886), Borges (s/d).

Na consulta às gramáticas do século XX foi possível perceber que, de forma geral, os pronomes de tratamento são caracterizados como locuções com o valor de pronomes pessoais (ver CUNHA, 1986; CEGALLA, 1991; SACCONI, 2001), para expressar cortesia e cerimônia. Sacconi (*op. cit.*) ainda vai além, afirma que os pronomes pessoais aparecem divididos em pronomes oblíquos e de tratamento, considerando os pronomes de tratamento pronomes pessoais e não apenas concedendo esse status a eles.

É justamente o reconhecimento dessas categorias da sociedade a que pertencem os endereçado que recebem as formas de tratamento, que irá determinar o uso dos mesmos. Na pesquisa às gramáticas pudemos perceber que esse uso é plenamente hierarquizado e bem delimitado.

Essa hierarquização no uso das formas de tratamento se manifesta também no uso das abreviaturas. Na busca do conhecimento dessas últimas, várias obras foram consultadas desde gramáticas do século XIX até manuais de redação do século XX. As abreviaturas são compostas, em sua maioria da(s) inicial(s) da(s) palavra(s). Essa é a regra mais geral na composição dessa forma. Em Albuquerque (1874) encontramos uma referência ao fato de se abreviar as formas de tratamento:

Usa-se de algumas abreviaturas para as quaes não há regras seguras, por isso deve-se nestes casos proceder de modo que as letras escriptas dêem a conhecer facilmente as palavras que queremos representar, como: SS^{mo} Santissimo, Ex.^{mo} Excellentissimo, Ill^{mo} Illustrissimo, R.^{mo} Reverendissimo, Sr. Senhor, Sr^a Senhora; Ant.^o Antonio; M.^{to} Muito (p.

113)As gramáticas do século XIX nos trouxeram informações importantes. Encontramos nelas (ALBUQUERQUE, 1874; BORGES, 1877; OLIVEIRA, 1880; PARDAL, 1887; PEREIRA, 1886) regras sobre o emprego da letra maiúscula. As regras versam sobre dois tópicos: o que é recomendado e o que, de fato, ocorre, permitindo-nos identificar usos variados de variações de usos.

Afirma-se, também, ser obrigatória a escrita dos títulos e tratamentos de reverência com letra maiúscula. Acrescenta-se um comentário segundo o qual as formas de tratamento na imprensa, já estariam sendo escritas com letra minúscula (PEREIRA, 1907). Tal comentário traz consigo uma carga forte de repreensão sobre a inovação jornalística.

Tais informações se mostram muito interessantes não apenas por dizerem sobre o uso de letras maiúsculas na escrita das formas de tratamento, mas, também, por indicarem que as prescrições não são seguidas de modo categórico. Assim, temos, por um lado, a visão de que o uso da abreviatura é feito de forma assistemática, embora seja normalizado. E, por outro lado, temos a visão de que até mesmo os usos não normalizados das abreviaturas possuem uma certa coerência (GONZÁLEZ, 2002) e, essa coerência advém do estudo da evolução histórica dessas formas. Também é possível encontrar na literatura a afirmativa de que as abreviaturas não são regidas por normas, são impostas pelo uso popular. Esta afirmativa nos parece um pouco incisiva demais, uma vez que, no uso das abreviaturas, o que temos não é uma escassez de normas, e, sim, uma coexistência de formas normalizadas e formas não normalizadas. Estas últimas regidas pelo uso popular. Este fato pode ser observado quando Luft (1987) retrata o texto do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da ABL, que sugere a escolha das variantes de uma mesma forma a partir da

fixação das grafias de vocabulários sincréticos e dos que tem uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos uma par do outro (sic), de maneira que figure em primeira plana (sic), como preferível, o de uso mais generalizado. (LUFT, 1987, p. 151)

Se há normas sobre o tipo de letras (maiúscula/minúscula) das formas de tratamento e sua grafia (se por extenso ou abreviado), então se pode supor que o grau de formalidade da situação condiciona o modo de realização gráfica das formas de tratamento. Como sabemos, a abreviatura, ainda que percorra um trajeto que vai do uso mais formal até o coloquial (mais típico da fala, porém também evidente na escrita), é uma forma estritamente ligada à escrita, logo trata-se de um recurso gráfico. Entretanto a abreviatura pode trazer em si características funcionais que ultrapassam a ortografia, sendo condicionadas por fatores semânticos, pragmáticos e lexicais. Sendo assim, haveria sistematicidade na variação da forma gráfica, o que nos levaria então às variantes gráficas.

2.2 Flutuação de formas ou variação?

Nos estudos atuais sobre abreviaturas, tem sido desenvolvida uma nova discussão sobre a ocorrência de mais de um tipo de abreviatura para uma mesma palavra. Estes estudos são realizados a partir da verificação de que há flutuação no uso das formas abreviadas (GONZALEZ, 2002), decorrente da existência de várias formas de abreviar uma palavra convivendo em um mesmo sistema.

Tauste (1999) aponta essa flutuação no emprego do ponto nas abreviaturas duplas. Como abreviaturas duplas a autora entende as formas abreviadas que estão no plural e que representam nomes próprios oficiais. Essas abreviaturas são formadas a partir de: a) uma redução da palavra às suas iniciais (ex.: Comunidades Anônimas – CA); b) uma duplicação dessas iniciais para que assim se identifique o plural (ex.: CA – CCAA); c) uma inserção do ponto abreviativo depois de cada duplicação (ex.: CCAA – CC.AA.), e d) a inserção do espaço branco após cada ponto abreviativo (ex.: CC. AA.).

A oscilação do uso do ponto, mormente, em periódicos de grande tiragem, tem provocado certa dificuldade na distinção entre abreviatura e sigla. Este fato poderia, segundo a autora, vir a alterar a leitura das abreviaturas e a formação do plural, por exemplo, justamente por criar um distanciamento entre regra e uso.

González (2002) critica a análise de Tauste por entender que a autora, embora apresente uma discussão coerente sobre o uso do ponto abreviativo, assume uma postura puramente normativa que a impede de perceber que o uso não normativo dessas abreviaturas pode possuir uma “certa lógica”, que se respalda no desenvolvimento histórico das abreviaturas.

Como justificativa González apresenta duas questões: a primeira que diz respeito à abreviatura enquanto forma e a outra que diz respeito à distinção entre abreviatura e sigla. Para o autor, ao se avaliar o emprego não normativo do ponto abreviativo, é necessário considerar que a abreviatura dupla, como é concebida pela autora, é uma forma relativamente fixa entre as formas que são escritas com iniciais maiúsculas, pertencem a um mesmo contexto político-social e fazem parte de um mesmo gênero textual. Para o autor, talvez fosse necessário, no tratamento dessas formas, reuni-las em um grupo pró-

prio, que esteja em um mesmo campo semântico por serem isógrafas e análogas.

Quanto à diferença entre sigla e abreviatura, o autor diz que, apesar de serem grafemas geminados, dificilmente as abreviaturas duplas perderiam a característica de não possuírem pronúncia própria diferente da forma plena, fato que nas siglas se dá de maneira diversa, pois, estas possuem pronúncia própria.

Sendo assim, a flutuação das formas não é algo nocivo à compreensão das abreviaturas, é apenas um processo comum de coocorrência de diferentes formas de se abreviar. E estas formas diferenciadas existem por várias razões decorrentes de sua evolução histórica. Uma dessas razões é que as abreviaturas vêm perdendo, ao longo do tempo, os seus caracteres diacríticos e as suas formas têm sido simplificadas, com o intuito de se evitar a homonímia. Como exemplo dessas perdas o autor cita o desaparecimento das letras horizontais e transversais e de letras sobrescritas como marcas de distinção abreviativas.

Como foi dito anteriormente, a evolução histórica das abreviaturas atua, sobremaneira, na forma e no uso que temos hoje. As abreviaturas constituem, assim, um capítulo da evolução da escrita. Como exemplo González (2002) usa a abreviatura de New York que, para chegar à forma que temos hoje (NY), sofreu várias mudanças ao longo da sua história. New York tem como variante mais antiga N. Y., com ponto e espaço. Passou a ser grafada N. Y., com ponto e sem espaço. E tem como forma mais moderna NY. As razões desse percurso, segundo González, seriam explicadas pela necessidade de existir uma grafia que não fosse confusa e que estabelecesse um paralelo com a compreensão semântica.

Esse enfoque permite estabelecer um elo entre a evolução das abreviaturas e a evolução dos itens: ambos espelham processos mais abstratos que vão além da simples grafia, com foi dito anteriormente.

Se, no percurso histórico das abreviaturas, temos uma simplificação das suas formas pautadas na exoneração dos desenhos das letras, bem como das letras sobrescritas e do ponto abreviativo, podemos dizer que, na verdade, as abreviaturas podem estar sofrendo variação e mudança e não simples flutuação. Se estivermos corretos,

estaremos aqui ampliando o objeto da teoria da variação, incorporando nela fenômenos peculiares à escrita propriamente dita. Estaríamos lidando com variantes gráficas. Variantes essas que para serem representações de uma mesma palavra, precisam ter o mesmo valor de verdade.

2.2.1 Descrição da evolução das abreviaturas nos corpora

A partir das abreviaturas presentes em nossa amostra, identificamos um provável percurso evolutivo dessas formas. Esse percurso pode ser observado de duas maneiras: a partir da perda dos caracteres diacríticos, conforme aponta González (2002) e a partir da perda da inicial maiúscula em detrimento da inicial minúscula, que é também um uso não normativo da abreviatura, já que, de acordo com a literatura, todo pronome de tratamento deve ser escrito com letra maiúscula. Vejamos a seguir uma síntese do processo diacrônico verificado nos corpora analisados, a partir de dois recortes: a substituição da inicial maiúscula pela minúscula (quadro 4) e, em seguida, a escala de variação dos pronomes de acordo com a perda dos diacríticos (quadro 5).

	Vossa Mercê	Você
Iniciais	VM ^{ces} > VM ^{ce} > VM	Voce > VC. > VC ^{es} > V. ^{ce} > Vac ^e
Maiúsculas > ³	> Vm ^{ces} > Vm ^{ce} > Vmc ^e	> Voces > vo ^{ce} > voses > vocês
Iniciais	> Vm ^e > Vm ^{''} > Vm > vm ^{ces}	> voces, vose > voçê > voçe
Minúsculas	> vm ^{ce} > vm ^e > vm	> você > você > voce > ocê > v. ^{ce}

Quadro 4: Substituição da inicial maiúscula pela inicial minúscula

Neste quadro pudemos notar que, acompanhando o percurso das abreviaturas, as formas são primeiramente escritas com iniciais maiúsculas, conforme dita a norma gramatical, depois apenas a primeira inicial maiúscula e em seguida com letra minúscula, norma não padrão. Este percurso pode ser percebido tanto para o tratamento *Vossa Mercê*, quanto para o tratamento *Você*. Este é o primeiro indício de sistematicidade no uso das abreviaturas que pode ser acompa-

³ Os parênteses angulares utilizados neste quadro são indicativos de continuidade nas ocorrências e não de estágios de gramaticalização.

nhado em seu percurso histórico. O segundo pode ser observado através da perda dos diacríticos:

	Acen- tos	Cedi- lhas	Aspas simples / duplas	Ponto abrevia- tivo	Letra sobres- crita	Acen- tos	Cedi- lhas	Aspas simples/ duplas	Ponto abrevia- tivo	Letra sobres- crita
Vossa Mercê					Você					
1ª metad- e do XIX	—	—	Vm ^{ce} Vm ^{ce} Vm ^{ce}	Vm ^{ce} Vm ^{ce} vm ^{ce}	Vm ^{ce} Vmc ^{ce} Vm ^{ce} Vm ^{ce} vm ^{ce} Vm ^{ce} Vm ^{ce} vm ^{ce} VM Vm ^{ce} vm ^{ce} vm ^{ce} Vm ^{ce}	—	—	—	—	vo ^{ce}
2ª metad- e do XIX	—	—	—	Vm ^{ce} Vm ^{ce}	Vm ^{ce} Vm ^{ce} Vm ^{ce}	—	—	—	—	Vac ^e
1ª metad- e do XX	—	—	—	Vm ^{ce}	vm ^{ce} Vm ^{ce}	—	—	—	VC V ^{ce} V ^{ce}	VC ^{ce} V ^{ce} V ^{ce} V ^{ce}

Quadro 5:
Escala de variação dos pronomes de acordo com a perda dos diacríticos

As formas com ponto e as formas sem ponto, nas abreviaturas do pronome *Vossa Mercê*, convivem durante todo o século XIX sendo o uso maior das abreviaturas com ponto da 2ª metade do século em diante.

Nas abreviaturas do *Você*, as formas com ponto e com letra sobrescrita aparecem na seguinte ordem ao longo do tempo: *vo^{ce}*, *Vac^e*, *V^{ce}*, *v^{ce}*, *VC.*, *VC^{es}*. As outras variantes permeiam estes usos e se definem como o uso mais comum (forma plena do pronome) até a primeira metade do século XX (*Voce*, *Voces*, *vozes*, *voçês*, *voces*, *vo-se*, *voçê*, *voçe*, *voçê*, *voçê*, *voçe*, *ocê*).

Como podemos perceber nos dados acima, as abreviaturas de *Vossa Mercê* não apresentam acentos e nem cedilhas. As letras sobreescritas e os pontos abreviativos só desaparecem com o término da

transformação de *Vossa Mercê* em *Você* e com a entrada do *Você* em sua forma plena. Ao mesmo tempo em que as iniciais maiúsculas, *VM*, passam para uma inicial maiúscula, *Vm*, e depois deixa de ser maiúscula e passa a ser inicial minúscula, *vm*. Da mesma forma acontece com *Você*⁴.

Através dos quadros 4 e 5 pudemos descrever o percurso histórico das abreviaturas de *Vossa Mercê* e *Você*. Pudemos também corroborar com González (2002) na afirmação de que as perdas de diacríticos e caracteres estão intimamente ligadas às necessidades gráficas que interferem na compreensão semântica. Isso equivale dizer que não estamos diante de flutuação de formas. Se assim fosse essas alterações percebidas apenas coocorreriam. Mas o que o percurso histórico dessas formas nos mostra é que elas estão também em concorrência, pois formas deixam de existir em detrimento de outras. Estamos falando de variação.

Detectado o processo de variação, podemos falar em variante gráfica nos moldes sociolinguísticos. Mas como seria definida esta variante gráfica? Quais as principais características que fazem com que sejam delimitadas as formas variantes que compõem este grupo?

2.3 Variante Gráfica

O termo variante gráfica pode ser encontrado no trabalho de Rita Marquilhas (1988), que toma como objeto anotações em textos do século XVIII, encaminhados à imprensa.

A autora faz um estudo sobre as variantes gráficas a fim de construir a normalização gráfica no século XVIII. Irá estudar as variantes gráficas decorrentes de processos fonológicos, utilizando-se de conceitos que são de primordial importância para definirmos o que são as variantes gráficas.

⁴ Embora tenha em suas ocorrências o início com a letra minúscula, *vo^{ce}*, esta abreviatura com inicial minúscula pode estar representando o estágio de transformação de *Vossa Mercê* em *Você*, pois, aparentemente, corresponde ao *vosm'cê* > *voscê*.

Maquilhas se valerá da classificação de variante proposta por Greg (1966) em que as variantes são divididas em dois grupos: o das variantes substantivas e o das variantes acidentais. As variantes substantivas são aquelas alterações em palavras que podem afetar o seu significado, ao passo que as variantes acidentais são apenas representantes ortográficas. Porém, Maquilhas (*op. cit.*) afirma que esta classificação proposta por Greg (*op. cit.*) deixa de fora uma série de variantes motivadas por alterações nas normas linguísticas e não nas normas de escrita.

Torna-se necessário reuni-las em um mesmo conjunto de aspectos gráficos que sejam compreensíveis sem necessitar da oralidade. Este é o objetivo da autora que o considera de primordial importância para lidar com fenômenos fonológicos. Para nós, este agrupamento, embora importante, se mostra redundante, pois, as formas que estamos estudando não encontram apoio na oralidade, são meramente escritas. Maquilhas irá dividir as variantes gráficas em três categorias: a) capitalização da inicial – presença ou ausência de inicial maiúscula; b) etimologização gráfica – presença ou ausência de sistemas gráficos clássicos feitos a partir de empréstimos e; c) acentuação e hifenação – presença ou ausência de sinais não alfabéticos. Das três categorias a primeira será de profunda importância e será nela que nos deteremos.

A capitalização da inicial é um elemento suprasegmental e abstrato, pois, ultrapassa “o nível do grafema enquanto unidade discreta e se aplica a sequências inteiras de grafemas e só pode ser entendido com uma instrução para se transformarem grafemas não marcados em grafemas marcados” (MAQUILHAS, 1988, p. 124). Esse tipo de “realce” traz consigo informações semânticas que têm a ver com o conceito de grandeza: “geográfica (topônimos em geral), de consagração social (vocabulário aristocrático, nomes profissionais), de consagração espiritual (vocabulário religioso), de número (nomes referentes a comunidades humanas) etc.” (*idem*, p. 126). Ao pensarmos no conceito de grandeza na consagração social, notamos que o uso de iniciais maiúsculas ou minúsculas em palavras de um mesmo tipo de vocabulário “revela uma hesitação quanto aos contornos precisos de grandeza semântica cristalizável em termos gráficos.” (*idem*, p. 126). Talvez este seja o ponto crucial do nosso estudo, uma vez que a relação semântica entre o uso gráfico e o conceito

de grandeza nos leva à relação posição social, hierarquia e grafia. Esta relação só pode ser pensada através da existência de variação linguística e da sistematicidade no uso das abreviaturas.

Ao elencarmos a capitalização das iniciais como característica básica desse tipo de variante gráfica retomamos a questão da evolução do item e percebemos que, no processo de gramaticalização dos tratamentos *Vossa Mercê* e *Você*, na medida em que o tratamento vai se gramaticalizando, as iniciais maiúsculas vão cedendo lugar às minúsculas. O esquema a seguir demonstra este processo.

(07) Forma de tratamento	>	Abreviatura	>	Abreviatura
por extenso		por maiúscula		por minúscula

Esta sistematicidade nos fez pensar se as formas intermediárias entre a escrita toda em maiúscula e a escrita toda em minúscula das abreviaturas não representariam esses estágios da transformação dos pronomes. Se a perda de letras e diacríticos não representariam essa transformação. Tivemos algumas evidências que nos levaram a pensar dessa forma. A primeira delas foi o fato de encontrar formas abreviadas que claramente não correspondem aos pronomes em sua forma plena como é o caso do *Vac^e* e do *vo^{ce}* (nossos corpora). Estas três formas seriam abreviaturas de *Vossa Mercê*, mas sim representação gráfica do processo de transformação do pronome.

Outra evidência foi o fato de existir no manual ortográfico da Academia Brasileira de Letras a indicação de que a abreviatura *Vm^{ce}* corresponde ao pronome *Vossa Mercê* e a abreviatura *vm^{ce}* corresponde às formas *Vossemece* ou *Vosmece*.

Vimos que as abreviaturas com letras maiúsculas do *VM* deixam de ser usadas na primeira metade do século XIX. As abreviaturas com letra minúscula entram em uso neste mesmo século, porém mais efetivamente no final. Uma provável explicação para esse percurso é que as letras minúsculas já registram uma forma mais concisa do pronome, o *Vosmece*. Outro fato importante é que imediatamente após o desuso das letras minúsculas *vm*, temos a entrada do *Você* em sua forma plena, após a oscilação ou convivência ainda existente com as formas abreviadas do estágio anterior. Depois, com a finalização do estágio de *vm* minúsculas, o próprio *Você* aparece abreviado inicialmente com letra maiúscula como na forma plena, e

depois com letra minúscula. Com base nestes fatos, podemos apontar as seguintes correlações: (i) as maiúsculas indicariam tratamento de cortesia e reverência e, portanto, uso não pronominal dos itens; (ii) as letras minúsculas nas abreviaturas indicariam ausência de reverência e, portanto, uso pronominal dos itens.

No que diz respeito à extensão da abreviatura, que se define pela presença/ ausência de *ce* sobrescrito e os outros traços já apontados, podemos identificar quatro estágios, em que modo de abreviar representa um item:

(08) VM > Vm^{ce} > vm^{ce} > vac^e > você
 Vossa Mercê > Vossemecê > vosmecê > vance > você

Uma evidência a favor das correlações acima foi a coincidência entre a maior frequência de vm^{ce} na segunda metade do XIX e o testemunho de textos literários que apontam nesse período de tempo um uso sistemático do item *Vosmecê*.

Uma busca a textos literários, basicamente romances e peças teatrais, escritas neste período de tempo, permite documentar ocorrências deste item. Conseguimos achar em autores como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Arthur Azevedo ocorrência em número suficiente para atestarmos que: a) o *Vossemece* e o *Vosmece* eram formas usadas para retratar a fala de pessoas humildes, empregados ou pessoas de convívio próximo; b) quando a forma era endereçada a uma pessoa de posicionamento social mais elevado ou que possuísse algum título que o diferenciava, ou até mesmo, uma profissão con-ceituada, era usado o *Você*, o *Tu* ou algum pronome de tratamento condizente com a posição social, como por exemplo, *V. Ex.* e *V. S.* Não acontece de virem as formas *Vossemece* e *Vosmece* juntamente com o *Vossa Mercê*. A seguir colocaremos alguns exemplos dessas formas nas obras literárias.

(09) Há seis anos que estou a serviço de vossemecê. (Filomena Borges, Aluísio Azevedo, 1884)

(10) Salvo se vossemecês metem também na conta o que quebrou Brás! (Casa de Pensão, Aluísio Azevedo, 1884)

(11) Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (Amor por Anexins, Arthur Azevedo, 1872)

(12) Sua Miquelina fica rezando por vosmecê! (Machado de Assis, Dom Casmurro, 1899)

(13) Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve. (Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881)

(14) Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos. (Machado de Assis, Teoria do Medalhão, 1882)

As características expressas pelas formas *Vossemece* e *Vosmece* são típicas do estágio de transição em que se encontram, pois são formas decorrentes de perdas fonológicas e semânticas que alteraram o seu significado em relação a forma original.

Como o uso dessas formas está localizado no tempo e no espaço de forma coerente é possível pensar que as abreviaturas encontradas na segunda metade do século XIX correspondam realmente ao *Vossemece* e ao *Vosmece* e não propriamente ao *Vossa Mercê*, pois esse pronome já não existia mais enquanto unidade de sentido que representava. Existia agora através de formas mais concisas que possuem papéis semânticos distintos dos de *Vossa Mercê*.

Sendo assim podemos afirmar que as formas *vo^{ce}*, *vm^{ce}* e *vm* correspondem às formas *Vossemece* e *Vosmece*, já a forma *Va^{ce}* corresponde a *Vance*. Com isso é possível simplificar o quadro 5 da seguinte forma.

	1ª metade do XIX	2ª metade do XIX	1ª metade do XX
vossa mercê			
vossemece			
vosmece			
Você			

Quadro: 6 Uso de *Vossa Mercê* e suas variantes e do *Você*, do século XIX até a 1ª metade do século XX.

Comprovamos, assim, a percepção de um processo sistemático de uso de abreviaturas que espelha o processo de gramaticalização, que leva o nome *Vossa Mercê* ao pronome *Você*. Ressalte-se que, pelo quadro acima, poderemos localizar a segunda metade do século XIX o momento em que o surgimento de uma nova etapa de gramaticalização se deu. Trata-se da queda de segmentos [a] e [r],

em *Vossa Mercê* de modo a formar o item *vosmecê*⁵. A pronúncia portuguesa teria neutralizado a realização vocálica de [a], tendo como resultado *vossa > voss'*. Teria havido também a queda do [r] medial, por ser esse um processo corrente na língua portuguesa. É importante lembrar que a queda do [r], nesse momento, contribui para obscurecer ainda mais o sentido de *mercê*.

Além dessas considerações de ordem gramatical, pudemos ainda identificar um possível padrão nas abreviaturas. Nos corpora analisados encontramos *Você* por extenso e abreviado. Nenhuma ocorrência de *Vossa Mercê* por extenso foi, porém, encontrada. Em relação a *Você*, pudemos identificar suas diferentes formas gráficas e verificar que a escrita deste pronome é mais comum por extenso. A primeira aparição do *Você* se dá por extenso e depois há abreviaturas com maiúscula e minúscula, cronologicamente ordenadas. Sendo assim, fato de não encontrarmos *Vossa Mercê* por extenso terá uma explicação. É que no período em análise já não mais se usava a forma por extenso, mas apenas a forma abreviada.

3 Conclusão

Em decorrência de todas as etapas descritas anteriormente, pudemos advogar em favor das abreviaturas como reais representantes das variantes gráficas, pudemos definir essas variantes, com base em conceitos filológicos aplicados à sociolinguística de maneira exequível e, ainda, comprovar que o empecilho colocado por Fontanella de Weinberg a respeito das abreviaturas mascararem a qual estágio da transformação pronominal as abreviaturas pertencem, pode ser relevado uma vez que através de nossas análises conseguimos comprovar que as abreviaturas podem indicar a que estágio pertencem. Mais que isso, é possível inseri-las nesse processo de gramaticalização.

⁵ Estamos cientes de que a questão que envolve a queda de segmentos precisa ser mais bem detalhada. Consideramos ser uma importante etapa de uma atividade futura. Agradecemos à Profa. Odete Menon pelos valiosos comentários a esse respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREVIATURAS. Disponível em:
<http://www.belcart.com/belcart_es/como_esc/c_abreviat.html>.
Acesso em: 18-06-2006.
- ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.
- ALBUQUERQUE, Salvador Henrique de. *Compendio de grammatuca portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: A. A. Lopes do Couto, 1874.
- AMORA, Antonio Soares. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: LEP, 1958.
- BORGES, Dr. Abílio César. *Resumo da gramática portuguesa para uso das escolas*. 7. ed. 1877.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 34. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1991.
- CHAVES, Elaine. *A implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas*. Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1986.
- FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: UNESP. Secretaria de Estado da Cultura. Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.
- FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz. Fórmulas de Tratamiento en el Español Americano (Siglos XVI y XVII). In: Fontanella de Weinberg, María Beatriz (Hrsg.). *El español en el nuevo mundo: estudios sobre historia lingüística hispanoamericana*. Washington, DC: OEA/Colección INTERAMER, 1994, p. 1-15.
- GONZÁLEZ, Félix Rodríguez. *Variación tipográfica en el uso de las "abreviaturas"*. Disponível em:
<<http://www.ucm.es/info/especulo/cajetin/abreviat.html>>. Acesso em: 18-06-2006.
- HOPPER, P. and TROUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico* (de acordo com a recente modificação lei 5765, de 1812-1971. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

_____. *Grande manual de ortografia globo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MARQUILHAS, Rita. *O original da imprensa e a normalização gráfica no século XVIII*. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1988.

MORENO, María Cristobalina. *El uso del pronombre tú en la española contemporánea: ¿Extensión de un nuevo uso o continuación de una tendencia iniciada en el Siglo de Oro?* Disponível em: <http://64.233.161.104/search?q=cache:ygOXqYiTW-oJ:cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_moreno.pdf+brown+e+gilman+1960+power+and+solidarity&hl=pt-BR&ie=UTF-8>. Acesso em: 28-04-2005.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova grammatica portuguesa*. 13. ed. Coimbra: J. Augusto Orgel, 1880.

PARDAL, Dr. Ortiz. *Grammatica analytica e explicativa da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nicoláo-Alves, 1879.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva* (curso superior). 24. ed. Melhorada e ampliada com uma syntese e critica das Reformas Orthographicas e um Appendice sobre estylistica e Composição litarária em prosa e verso. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1907. [1. ed., 1886].

RAMOS, Jânia Martins. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

RIGATUSO, Elizabeth M. Aspectos de la evolución de las fórmulas de tratamiento en el español bonaerense (1800-1930). In: Fontanella de Weinberg, María Beatriz (Hrsg.). *El español en el nuevo mundo: estudios sobre historia linguística hispanoamericana*. Washington, DC: OEA/Colección INTERAMER, 1994, p. 1-16.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 2001.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

TAUSTE, Ana María Vigar. *Abreviaturas dobles* (CC. OO.). Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/cajetin/cc_oo.html>. Acesso em: 22-07-1999.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. nº 5, p. 115-124, 1996.

_____; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.